

Gramaticalização, (inter)subjativização e modalidade epistêmica: o caso de ‘assim’

Sanderléia Roberta Longhin-Thomazi¹

¹Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – (UNESP/FAPESP)

thomazi@ibilce.unesp.br

Abstract. *In this paper, the synchronic and diachronic perspectives are conjoined in order to show that the grammaticalization process of the particle ‘assim’ entails meaning changes over time and presents pathways that characterize both pragmatic function and (inter)subjectification increase.*

Keywords. *grammaticalization; (inter)subjectification; history; ‘assim’*

Resumo. *Neste trabalho, conjugo as perspectivas sincrônica e diacrônica, para mostrar que, nos processos de gramaticalização experimentados por ‘assim’ ao longo do tempo, as mudanças de significado seguem trajetórias caracterizadas pelo aumento de função pragmática e de (inter)subjativização.*

Palavras-chave. *gramaticalização; (inter)subjativização; história; ‘assim’*

0. Introdução

O interesse pela gramaticalização (GR, daqui em diante) não é novo. A primeira formulação clara foi feita pelo neogramático Gabelentz (1891, *apud* Hopper e Traugott, 1993), para quem a criação de itens gramaticais é recorrente em todas as línguas e se faz a partir do ‘desgaste’ de palavras independentes. Contudo, coube a Meillet (1912) o título de pioneiro a definir e a justificar a relevância da GR como um tópico importante em lingüística. Segundo ele, a GR consiste na “atribuição progressiva de caráter gramatical a uma palavra previamente autônoma”. Pouco depois da publicação de Meillet, a lingüística foi dominada pelo estruturalismo saussureano e os estudos sobre mudança lingüística e GR sofreram um retrocesso. Só por volta dos anos setenta é que se renovou o interesse por essas questões, o que se deveu, em grande parte, ao desenvolvimento de trabalhos tipológicos e à emergência das lingüísticas funcionalistas, que abriram novas perspectivas acerca da interface entre estrutura e uso.

Mais recentemente, a definição tradicional de GR foi ampliada. Por exemplo, Heine *et al.* (1991) e Hopper e Traugott (1993) admitem que a GR ocorre quando uma unidade ou construção lexical assume uma função gramatical ou quando uma unidade gramatical assume uma função ainda mais gramatical. Esse “ganho” de gramática, conforme os autores, tem implicações para os vários componentes da linguagem, uma vez que os itens que experimentam GR podem passar por redução de material fonético e tendem a assumir posições sintáticas mais previsíveis, ao mesmo tempo em que os significados se tornam generalizados e mais abstratos, o que explica o fato de serem apropriados em um número maior de contextos e de terem a frequência aumentada.

Na vasta literatura sobre GR, os trabalhos de Traugott (1982, 1995, 1999) e Traugott e König (1991) privilegiam o tratamento das mudanças de significado que acompanham o processo de GR e sustentam que há uma tendência geral, segundo a qual o desenvolvimento do item segue uma trajetória de pragmatização crescente do significado. Essa tendência prevê que as mudanças partem dos significados referenciais, próximos à experiência física dos falantes, passam pelos significados relacionados à construção textual e atingem finalmente os significados centrados na atitude subjetiva do falante.

À luz dessas considerações teóricas, este trabalho pretende mostrar que a tendência sustentada por Traugott e colaboradores ajuda a explicar os processos de GR sofridos pelo item *assim*. Esse objetivo maior pressupõe a consolidação de duas etapas mais específicas, a saber: (i) o exame da variação contextual sincrônica de *assim*, a partir de amostras do português atual falado e escrito; e, (ii) a investigação dos diferentes usos em fontes históricas do português. Esse procedimento se justifica pela hipótese, amplamente defendida (Heine, 2002), de que a evolução das categorias gramaticais é fortemente regida pelo contexto, de modo que a análise da variação contextual sincrônica de um item pode fornecer pistas importantes para sua reconstrução histórica.

Quanto aos *corpora*, do português falado, utilizo a amostra mínima do NURC, o chamado *corpus* compartilhado do Projeto Gramática do Português Falado, que inclui dados procedentes de cinco capitais. Do escrito, utilizo uma amostra de dados armazenada no Centro de Estudos Lexicográficos (CEL) da Unesp-Araraquara. Para a análise diacrônica, selecionei trechos dos seguintes textos: *Demanda do Santo Graal* (13DSG); *Foro Real de Afonso X* (13FR); *Testamento de D. Afonso II* (13TDA); *Notícia do Torto* (13NT); *Crônica Geral de Espanha de 1344* (14CGE); *Orto do Esposo* (14OE); *Primeyra Partida* (14PP); *Bíblia Medieval Portuguesa* (14BMP); *Livro dos Ofícios de Marco Tullio* (15LO); *Boosco Deleitoso* (15BD); *Leal Conselheiro* (15LC); *Crônica D. Pedro I* (15CDP); *Colóquios dos simples e drogas e cousas medicinais da Índia* (16CSD); *Desengano de Perdidos* (16DP); *Historia da prouincia de Sãcta Cruz* (16HSC). As referências entre parênteses remetem, respectivamente, ao século e ao título do texto.

1. Modelo de Traugott: do proposicional ao pessoal e à (inter)subjetivização

Ao propor tendências que explicariam a direção das mudanças semântico-pragmáticas implicadas na GR, Traugott (1982) lança mão de um modelo semântico-funcional de linguagem, à maneira do que foi proposto em Halliday (1966). O modelo de Traugott estabelece um componente *proposicional*, que inclui os elementos que permitem falar do mundo extralingüístico (elementos sujeitos à verificação referencial, como dêiticos de lugar, tempo e pessoa), um componente *textual*, que inclui elementos que permitem elaborar um discurso coeso (anafóricos, catafóricos, conectivos, etc.) e um componente *expressivo*, que inclui elementos que exprimem atitudes pessoais com relação ao assunto do discurso ou com relação a outros participantes (modalizadores, operadores argumentativos, marcadores de pressuposição e índices de polifonia).

Considerando os três componentes, Traugott argumenta que as mudanças de significado nos processos de GR tendem a seguir a trajetória: Proposicional > Textual > Expressivo, mas não vice-versa. Ou seja, as mudanças partem de um significado mais

referencial para um mais intencional. Além disso, Traugott (1995, 1999) assume que essas tendências estão inscritas em processos mais globais de subjetivização e intersubjetivização, que dizem respeito ao fato de que, ao longo do tempo, os falantes desenvolvem significados novos para lexemas já existentes, com o propósito de codificar suas atitudes sobre o que está sendo dito ou sobre atitudes do ouvinte.

2. Os usos de *assim*: multifuncionalidade

Segundo a tradição gramatical, *assim* integra o conjunto dos advérbios modais, itens que têm a propriedade de qualificar ações, processos e estados. Acrescente-se a isso a natureza pronominal de *assim*, que ora aponta para elementos presentes na situação comunicativa, ora para passagens precedentes ou subseqüentes do próprio texto. No primeiro caso, *assim* é um dêitico que remete a gestos, tamanho, quantidade ou forma. Sua interpretação depende da recuperação do contexto situacional, conforme exemplo (01), extraído de uma peça teatral. No segundo, *assim* é fórico: recupera, anaforicamente, porções textuais mais ou menos extensas; ou, remete, cataforicamente, a porções textuais subseqüentes, conforme os respectivos exemplos (02) e (03).

- (01) Agora fixe o olhar. Bem. Para que nossa imagem povoe o espelho e perdure para sempre. **Assim** (abraçados, fitam as imagens refletidas). (CEL:fld)
- (02) Carteiro jogava correspondência no lixo! Sabe quem era esse carteiro? Era o nosso carteiro. E sabe por que ele agia **assim**? Por sabotagem. (CEL:fld).
- (03) Circulam em quase todas as antologias brasileiras, como “Visita à casa paterna”, soneto que termina **assim**: Uma ilusão gemia em cada canto. (CEL:car-olo)

Em outro uso, conforme (04), *assim* é uma conjunção coordenativa (Cunha, 1985), que estabelece entre os segmentos que articula uma relação de conseqüência ou conclusão. Nessa acepção, *assim* pode ser parafraseado por *portanto*, *por conseguinte*, e apresenta as seguintes características: aparece entre pausas, faz remissão às informações do período precedente, pesando-as, para então introduzir uma conclusão.

- (04) Indústrias que têm compras comuns associam-se em cooperativas, centralizando, por meio destas, suas aquisições. **Assim**, podem obter melhores preços e maiores prazos, pelo aumento do vulto de transações. (CEL:Ar-011o)

No entanto, não há consenso a respeito do estatuto conjuncional de *assim*, o que se deve principalmente ao fato de que, em certas situações, embora *assim* associe um argumento a uma conclusão, tal como uma conjunção conclusiva, ele não reúne todas as propriedades que lhe garantem o pertencimento ao rol das conjunções prototípicas (Neves, 2002). Mais particularmente, há casos em que *assim* tangencia as categorias de advérbio e conjunção, já que apresenta mobilidade posicional ou co-ocorre com outras conjunções, conforme os exemplos que seguem:

- (05) Tais preparados levam certas vantagens sobre os derivados do piretro e dos timbós, por serem mais lentamente degradados, exibindo, **assim**, ação residual mais prolongada. (CEL:beblt)
- (06) Venenos no próprio jardim. Pouca gente tem consciência deste comuníssimo fato. As plantas ornamentais não são escolhidas mediante critério farmacológico, e **assim** acontece que algumas das mais estimadas são também extremamente tóxicas (CEL:beblt)

Essa fluidez categorial encontra justificativa nos processos de gramaticalização que deram origem ao item. Como bem afirma Ali (1964): “a maior parte das conjunções resultaram de adaptações e combinações de palavras de outras categorias”.

Além desses usos, o advérbio *assim* se comporta como um modalizador epistêmico quase-asseverativo (Castilho e Castilho, 1996), índice de avaliação subjetiva, por meio do qual o falante se descompromete com uma afirmação decisiva, conforme os exemplos abaixo, em que *assim* modaliza ‘cataforicamente’ o conteúdo que vem à sua direita, avaliando-o como quase certo ou dependente de confirmação. Esse emprego de *assim* apresenta regularidade posicional: ocupa preferencialmente a posição entre verbo e complemento, conforme (07) e (08), ou dentro do grupo nominal, conforme (09). Trabalhos realizados sob a perspectiva conversacional (Silva, 1999) defendem, a partir de detalhados estudos quantitativos, que *assim* atua como um marcador discursivo estreitamente relacionado às dificuldades de processamento. Ou seja, nos momentos de hesitação ou reformulação, funciona como preenchedor de pausas.

- (07) eu acho que brasileiro... não tem **assim** bons hábitos à mesa (NURC-RJ-01)
- (08) era uma farinha misturada com água... eles fazem **assim** uma espécie de uma::... um melado (NURC-RJ-01)
- (09) uma melhor informação num num sentido **assim** mais atuante ou mais objetivo a essa a essa questão (NURC-RE-05)

Martelotta (2004:83) exclui o desenvolvimento de marcadores discursivos do âmbito da GR. Ele argumenta em favor da distinção entre “gramaticalização” e “discursivização”, entendendo o segundo como um processo que “leva o item a adquirir função de marcador discursivo, modalizando ou reorganizando a produção da fala (...), ou servindo para preencher vazios ou interrupções, causados pela perda de linearidade”. Para Traugott (1995), que prioriza a perspectiva semântico-pragmática da GR, a emergência de marcadores discursivos a partir de advérbios apresenta duas características que, segundo ela, traduzem a essência da GR: o aumento da função pragmática e a (inter)subjetivização. Em conformidade com Traugott (1995), mantenho o tratamento de *assim* modalizador epistêmico em termos de GR, mas ciente de que a questão é controversa e que requer mais discussão.

O levantamento sincrônico apresentado até aqui explicitou o comportamento sintático-semântico de alguns usos de *assim*, em dados de fala e de escrita. Todos os usos são de base adverbial: o modal dêitico, o modal fórico, o modalizador epistêmico e a ‘conjunção’ coordenativa (que parece estar na fronteira entre advérbio e conjunção). Na próxima seção, abordo os aspectos históricos da GR de *assim*.

3. Aspectos históricos da gramaticalização de *assim*

O advérbio *assim* provém do composto latino *ad sic*. Segundo Ernout e Meillet (1951), em latim, *ad* exercia tanto o papel de preposição, com sentido de aproximação no tempo ou no espaço “em direção a”, “para”, como também reforçava formas adverbiais – *adpost*, *adpressum*, *adprope* - conferindo a elas um valor de aproximação, direção ou adição. Já *sic*, do antigo *seic*, era advérbio modal “dessa maneira”.

Nos dados do português arcaico, *assi* já apresentava usos de base anafórica e catafórica, conforme exemplos de (10) a (12). Quanto ao catafórico, compensa distinguir ocorrências como (11), que são frequentes em trechos de discurso direto,

daquelas em que *assi* escopa um constituinte à sua direita, como em (12), que é similar ao advérbio epistêmico, discutido anteriormente. O dêitico e o marcador discursivo não foram encontrados na amostra.

- (10) e porẽ lhe rogava que lhe outorgasse de lhe chamarẽ rey de Portugal, e que lhe **assi** o chamasse ã suas cartas e privilégios. [pedia que lhe autorizassem chamar de rei de Portugal, e que lhe chamassem assim nas cartas] (14CGE, p.6)
- (11) chorava e nom sabia porquẽ, disse **assi**: - Senhora Santa Maria, madre de piedade, socorre-me a nom me leixe ainda morrer. (13DSG, p.59)
- (12) E, estando **assi** doẽte hũ dia jaa afficavao muyto a doẽça. [e estando assim doente um dia já cedo atormentava-o muito a doença] (14CGE, p.536)

Nos contextos em que há sucessão de dois fatos no tempo, o fórico modal *assi*, além da manobra de remissão, permite uma leitura de conclusão ou conseqüência a respeito do que foi dito antes, como é o caso de (13):

- (13) Eno terceiro dia juntou Deos as auguas, que eram sô o firmamento, em hũ lugar, e **assi** apareceu a terra, e assi lhe chamou nostro Senhor. [e no terceiro dia Deus juntou as águas, que estavam sob o firmamento, em um lugar, e por isso (dessa forma) apareceu a terra] (14BMP, p.22)

Nessa condição híbrida, *assi* articula um estado de coisas a um acontecimento, estabelecendo entre eles uma relação imediata (sem intervenção de implícitos) de causa-efeito ou de argumento-conclusão. Na realidade, é o estado de coisas que possibilita o acontecimento, como se observa no exemplo (13), em que o fato de Deus juntar as águas possibilitou o surgimento da terra. Desse ponto de vista, é possível sustentar que a conclusão já estava, de certa forma, contida no antecedente, e que, portanto, *assi* está fundamentalmente orientado para o conteúdo que vem antes.

O exemplo (13) lança alguma luz sobre o processo de emergência da conjunção coordenativa, mas esse processo ganha mais transparência quando atentamos para uma concepção de coordenação assentada em critérios semântico-funcionais. Neste trabalho, sustento uma noção de coordenação essencialmente semântica que, nos moldes propostos por Bally (1965), pressupõe uma noção de oração desvinculada da representação sintática, que distingue sujeito e predicado gramaticais. Segundo o autor, as orações equivalem a atos de enunciação suscetíveis de bipartição em dois segmentos de importância comunicativa diferente: um tema e um propósito. O tema é entendido como o ponto de partida ao qual é acrescido o propósito, que é o centro de interesse da comunicação. O padrão habitual corresponde à seqüência (tema)/propósito, em que é possível prever enunciações formadas unicamente pelo propósito.

Nesses termos, dois enunciados (que chamo de C1 e C2) serão coordenados se determinadas condições forem satisfeitas, a saber: (i) C1 deve constituir um ato de enunciação completo, capaz de funcionar independentemente de C2; e, (ii) C2 deve constituir o propósito de C1. Essas condições sugerem que a articulação tema/propósito, que estrutura um enunciado, também estrutura a coordenação de enunciados, e que as enunciações coordenadas estão estreitamente relacionadas, no sentido de que a segunda toma a primeira como tema e é no interior desse tema que ela deve ser interpretada como acrescentando ao discurso a informação mais importante ou saliente. Nessa relação coesiva, diz Bally, C2 passa a incorporar C1 em sua estrutura, seja por meio de uma conjunção explícita, seja por meio de um anafórico. Isso equivale a dizer que C2

tem a dupla função de recuperar ou reativar uma informação dada e de predicar sobre ela, acrescentando informação nova.

Mais uma condição que, segundo Bally, é relevante para explicar a coordenação é a relação de sentido. Segundo o autor, a colocação de dois enunciados lado a lado só é justificada pelo sentido que emerge dessa colocação, mesmo na ausência de marcas explícitas de conexão. Vejamos em que medida essas condições se aplicam a (14):

- (14) E quando amanhece as mais das vezes está o ceo todo cuberto de nuuês, & **assi** as mais das manhaãs choue nestas partes, & fica toda cuberta de nevoa. (16HSP, p.8) [E quando amanhece na maioria das vezes o céu está todo coberto de nuvens, e por isso chove na maioria das manhãs, nessas partes]

Nesse exemplo, há uma estrutura do tipo “C1, e *assi* C2”, em que os segmentos C1 e C2 são independentes, separados por uma pausa. Cada segmento é constituído por enunciados estruturados em tema e propósito. Essa relação tema/propósito se sustenta também entre C1 e C2, uma vez que o segundo deve ser interpretado à luz do primeiro. Ou seja, C2 traz um pensamento, uma avaliação, um comentário conclusivo acerca de C1, justificando assim a relação de sentido enquanto condição necessária. A relação coesiva, por sua vez, é garantida por *assi* ou, mais especificamente, pela foricidade característica de *assi*, que promove simultaneamente um movimento de retorno ao já dito e um movimento de avanço (progressão seqüencial), fazendo com que as orações se constituam em texto, que é justamente a função de uma conjunção coordenativa.

4. Gramaticalização, (inter)subjetivização e modalidade epistêmica

Os usos anafórico e catafórico de *assim* já eram bastante freqüentes desde o português arcaico. Eles parecem constituir a base para a formação dos demais usos de *assim*, que acabaram se especificando, a depender de aspectos contextuais. Dado o contexto contíguo, o advérbio anafórico passou a constituir uma conjunção, ainda que não prototípica (pode co-ocorrer com outra conjunção e a posição ainda não está cristalizada); já o advérbio catafórico, por sua vez, se especializou em sinalizar, mais tardiamente, modalidade epistêmica, passando a funcionar como um marcador discursivo. Temos, então, duas trajetórias de GR, que percorrem as etapas previstas por Traugott, a saber:

- (i) advérbio anafórico > conjunção coordenativa

A trajetória (i) indica que a anáfora está na origem da conjunção coordenativa. Como a anáfora é um movimento de retroação, fica explicada a rigidez de ordem que existe entre os enunciados coordenados. Assim, de um lado, a foricidade de *assim* cria condições para que o item se torne conjunção e, de outro, a reinterpretação contextual determina a emergência de um novo sentido: a sucessão de eventos no tempo passa a ser entendida como uma sucessão lógica, em que aquilo que vem antes constitui razão para o que vem dito depois, configurando, dessa forma, uma relação de causa, consequência ou conclusão. Esse ponto de vista é reforçado por Mithun (1988) que, a partir do estudo das formas de coordenação em línguas tipologicamente diversas, mostra que as conjunções coordenativas derivam principalmente de advérbios.

Parafraseando Traugott (1982, 1995), um item do domínio textual passa funcionar como um item dos domínios textual-expressivo. A ‘conjunção’ *assim* é um

exemplo da fluidez entre esses domínios, já que ao assumir o valor argumentativo de conclusão, exprime atitude do falante e, portanto, sinaliza uma etapa de subjetivização.

Na outra trajetória:

(ii) advérbio catafórico > marcador discursivo

a (cata)foricidade de *assim* deu lugar ao modalizador epistêmico, cujas ocorrências só foram verificadas na amostra de fala sincrônica, embora indícios de sua formação fossem encontrados no período arcaico, conforme a ocorrência exemplificada em (12). Como o modalizador sinaliza o ponto de vista do falante com respeito ao ouvinte, a emergência desse item exemplifica uma etapa de intersubjetivização, sob a qual um item do domínio textual passa a funcionar nos domínios textual-expressivo.

Em suma, as trajetórias de GR percorridas por *assim* corroboram os pressupostos de Traugott (1982, 1995, 1999) e Traugott e König (1991), tanto no que concerne ao papel da pressão contextual para a emergência dos novos usos, como no que concerne à direcionalidade da mudança, que aponta preferencialmente para uma pragmatização do significado. Transformações dessa natureza constituem evidências de que a linguagem é moldada continuamente ao longo de trajetórias que são, até certo ponto, passíveis de sistematização.

Referências Bibliográficas

- ALI, M. S. *Gramática secundária da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- BALLY, C. *Linguistique générale et linguistique historique*. 4.ed. Berne: Éditions Francke, 1965.
- CASTILHO, A.; CASTILHO, C. Advérbios modalizadores. In: ILARI, R. (org) *Gramática do Português Falado*. 3ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, p.199-247, 1996.
- CUNHA, C. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- ERNOUT A., MEILLET A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots*. 3.ed. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1951.
- HALLIDAY, M.A.K. Notes on transitivity and theme in English. *Journal of Linguistics*, v.3, p199-244, 1966.
- HEINE, B. *et. al. Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HEINE, B. On the role of context in grammaticalization. In: WISCHER, I. (ed.) *New Reflections on Grammaticalization*. Philadelphia, PA, USA: Johns Benjamins Publishing Company, p.83-99, 2002.
- HOPPER, P., TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

- MARTELOTTA, M. Operadores argumentativos e marcadores discursivos. In: MARTELOTTA, M. *et al.* (eds) *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 2004.
- MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Libraire Honoré Champion, 1912.
- MITHUN, M. The grammaticization of coordination. In. HAIMAN, J.; THOMPSON, S (orgs) *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p.331-359, 1988
- NEVES, M. H. M. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- SILVA, G.M.de O. Anatomia e fisiologia dos marcadores discursivos não-prototípicos. In. NEVES, M. H. (org.) *Gramática do Português Falado*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, p.297-347, 1999.
- TRAUGOTT, E. From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In: LEHMMAN, W., MALKIEL, Y. (eds) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam, John Benjamins, pp.245-271, 1982.
- _____ The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization. Paper presented at ICHL XII, Manchester, 1995. Disponível em: <http://www.stanford.edu/~traugott/traugott.html>. Acesso em: 20/02/2004.
- _____ From subjectification to intersubjectification. Paper presented at the Workshop on Historical Linguistics, Vancouver, Canadá, 1999. Disponível em: <http://www.stanford.edu/~traugott/traugott.html>. Acesso em: 20/02/2004.
- TRAUGOTT, E., KÖNIG, “The semantic-pragmatics of grammaticalization revisited”. TRAUGOTT, E., HEINE, B. (eds) *Approaches to grammaticalization*. Vol. 1. John Benjamins Publishing Company, p.189-218, 1991.